

Director-Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração,
composição e impressão
Rua de Alportel, 23 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

Henrique Borges
Reabriu o seu consultório
Doenças da boca e dos dentes
Todos os trabalhos modernos em
ouro. Dentaduras sem placa
RUA IVENS, 18 — FARO

A lavoura, a Moagem e a Manutenção Militar

Sobre afirmações feitas há tempo ao Seculo, por um membro do governo respeitante ao papel que na economia nacional, e vis a vis do consumidor e da industria da moagem, representa a Manutenção Militar, publicou a Associação Industrial Portuguesa, pela sua revista, alguns dados estatísticos e algumas considerações sobre esse assunto, que é conveniente serem conhecidos.

Apresentou-se a Manutenção Militar como um organismo indispensavel, para fazer face ás necessidades da moagem nacional e como protectora da lavoura portuguesa. Para se ver até onde são verdadeiras taes afirmações, o melhor não é empregar palavras, é apresentar factos. Diz-se que a Manutenção Militar é quem compra a maioria dos trigos nacionais. Pega-se no relatório referente ao ano de 1925 1926 e com os números que lá se encontram, vê-se que a Manutenção em 2 anos de laboração comprou 98.015.990 kilos de trigo ceceo e apenas 8.483.860 kilos de nacional!

Calculando a média de produção nacional em 160 milhões de kilos de trigo por ano, vê-se que a Manutenção apenas comprou um por cento da referida produção, tendo a industria particular comprado os restantes 99 por cento!

Como ajuda da lavoura, sabe-se que a Manutenção Militar abona apenas por cada vagon de trigo que lhe vendem, 5 contos, quando ele vale 15. Para se obter essa importância, que é a terça parte do valor da mercadoria vendida, é necessario um aval bancario ou uma letra do côrpo do valor garantida por dois titadores de idoneidade reconhecida e atestada pela autoridade administrativa.

Mas, o melhor do caso mostra-se no mesmo relatório da Manutenção Militar. Com um capital de trez mil contos e todo o outro dinheiro que precisa, de que não paga juros alguns, não pagando tambem nem contribuições, nem seguros, e pagando salários em juros, não pagando ainda ad valorem das suas compras e moendo só em 1925 1926, 21 milhões de kilos, apenas contribuiu para o estado com receitas lituigas na importancia de 3.000 contos!

Companhia Industrial do Algarve

Em assembleia geral ordinaria desta companhia, realçada no passado dia 26, foi eleito por unanimidade para o lugar de administrador o nosso prezado amigo e colaborador sr. Emidio Dias Uva.

Felicitamos a Companhia Industrial do Algarve pela escolha acertada que fez, pois o eleito reúne em si todas as qualidades necessarias para o desempenho do lugar que d'ora avante ocupa nesta florescente e prospera Companhia.

Ao sr. Emidio Dias Uva endereçamos os nossos parabens pelo honroso lugar para que foi escolhido.

Escola Pedro Nunes

Foi nomeado professor de desenho da Escola Pedro Nunes o nosso amigo J. Pessoa Chaves.

Temos que o felicitar e a escola, que adquiriu um elemento pedagogico de valor.

CARTA DE LISBOA

Algumas novidades. Políticas? Não se podem dizer. Contentem-se com outras. Um funeral e um sincero drama romantico. Teatros a menos e companhias a mais. Uma emprezaria a contos. Artistas do teatro portuguez a 500\$00 por noite. Não é o Nascimento Fernandes. Nem só de pão vive o padeiro. Um domador das sogras e da sorte

O portuguez é um animal politico. Desde quando é que o seu temperamento irrequieto, fogoso, impulsivo, violento, se revelou assim invadido pela politica, subjugado por ella? Não foi por certo desde que a nação dispôs do serviço as magestades e altezas constitucionaes. Foi desde que os ecos, as repercussões da revolução franceza, o atiraram num salto mortal, do absolutismo para um liberalismo com o qual ele apenas sonhava para destruir a liberdade, como quem diz, um regimen com que a vontade não tem peias.

A liberdade desse tempo foi conquistada com a mesma força com que conquistámos a República, apzns com o sentimento, essa força potentissima que leva os homens á gloria ou á ignominia, á morte ou ao triunfo.

A revolução franceza teve a preparação dos enciclopedistas que ainda assim, não conseguiram evitar os horrores e as atrocidades que as multidões desenfreadas por lá praticaram. Nós não tivemos isso. Não tendo comprendido nem sentido as causas e as violencias, os abusos e as injustiças que originaram a revolução franceza, saltámos para o liberalismo com a mesma mentalidade com que viviamos no absolutismo e apenas com um ideal de ignorantes que fazia taboa rasa das necessidades e dos deveres cívicos que o novo regimen exigia para poder viver digna e prolongadamente. Multidão super impressionavel e tanto mais quanto mais rutilante era o ideal que sonhava, os meus, os ambiciosos tiveram sempre aqui um campo vastissimo para o apoio dos seus fins inconscientes. Depois de algumas decadas de repato, nos bens dos conventos e nas libras inglesas, decadas que ainda assim tiveram dois ou trez movimentos insurreccionaes sempre pela liberdade, cahimos na R publica com o mesmo tranpoum e o mesmo salto mortal que nos libertaram do absolutismo, sempre impelidos pela mola potentissima do sentimento. O coraçáo é que sempre nos dirigiu.

A cabeça nunca teve licença para falar. E' um defeito da raça. Sem ele não teriamos espantado o mundo com as nossas descobertas, com as nossas aventuras cavalheirescas, guerreiras e maritimas.

O espirito bulicioso, o microbio desta doença que nos empolga e nos subjugou nos domínios da politica, tirando-nos a facultade de raciocinar, de pôr em ordem os factores necessarios para a resolução dos problemas mais vitaes da nação, e uma ancestralidade de aspecto evolucionante vinda talvez dos ceitas, que só poderá ser dominada por anos de um regimen como o actual, em que as perturbações, os remoinhos, as agitações de caracter politico são implacavelmente abafadas. Conseguiste este jugo de ferro dominar aquela velha energia, aquelle aspecto politico que todo o portuguez a toda a hora e em todos os lugares, ostentava? Até agora não.

Ha uma actividade que procura a sombra, os subterraneos e que espandendo os seus inconscientes movimentos, preparando a queda, o desparecimento do desta força que se lhe opõe. Ha por toda a parte ares de misterio que excitam a curiosidade.

Os homens encontram-se e a sua pergunta é sempre esta: Que ha? Porque sabem que ha sempre alguma coisa. Esta pergunta, repetida milhões de vezes visa sempre o mesmo assunto, a politica e os misterios da sua evolução ou da sua revolução. Mas não se pode falar e é melhor não ouvir. E' o que eu faço com bastante pezer porque sei que isso seria nesta carta o que conquistaria o agrado certo da maioria dos que a lerem.

Banido o assunto que mais fazia vibrar a curiosidade, que posso eu dizer-lhes desta cidade de muito marmore e de pouco granito? Contar-lhes hei coisas de teatro, eos de bastidores. O portuguez gostou sempre do teatro e lambem sempre os dedos com os rancantares, as intrigas que por detrás da lousa dos bastidores a verdade oculta da vida anima entre os comicos. Primeiro contar-lhes-hei porque se liga com gente de teatro, um drama simplici, um drama antigo, uma tragedia curta, mas que por ser simplici e não ser longa, não é menos impressionante nem menos digna de ser contada a esta mocidade de hoje egoista e feroz, sem romantismo nem sentimentos de solidariedade.

Enterrou-se no domingo passado o ex-actor Alfredo Santos, que durante anos, com uma honestidade e uma competencia que lhe valem a confiança e amizade dos proprietarios do Teatro S. Luz, ali desempenhou as funções de administrador. Era um excelente camarada e um belo e raro caracter de portuguez antigo. O seu funeral foi uma demonstração flagante e impressionante dessas qualidades que todos lhe reconheciam. O mesire Antonio Pinheiro, que falou junto da campã em que o côrpo de Alfredo Santos descança o sono derradeiro, celebrou em sentidas palavras de fogo, essas qualidades, comparando-as com a vulgaridade ríles que por ali domina. As verdades duras que Antonio Pinheiro proclamou bem alto no meio de uma multidáo atonta, foram de tal ordem, que nenhum desses órgãos que se proclamam a voz da opinião teve a coragem de as reproduzir.

Alfredo Santos baixou ao túmulo mas não foi só. No dia seguinte «O Diario de Notícias», anunciava laconicamente: «Suicidou-se hontem de tarde Maria Trêza Ribeiro, solteira, natural de Portimão, moradora na travessa da Espera, 41-3.º. O cadáver foi para o Negrotério.» E mais nada. Quem era esta mulher obscura que ao colosso da informação não merecera mais que aquellas secas palavras?

Era a mulher de Alfredo Santos, a sua companheira de muitos anos, a mãe de um filho que elle estremeceu, era uma grande alma terrena, cheia de amor, que não poderia resistir á dolorosa separação que a morte cavara entre ella e o homem que tinha todo o seu affecto e toda a sua vida.

Dias antes, Alfredo Santos, sentindo que a doença lhe não perdoaria, entregara-lhe todas as suas economias. E ella dissera para o filho estas palavras simplices, deci-

sivas, impregnadas de uma resolução inabalavel e fria: «Se tu pae morrer, mato-me.»

E á hora em que Alfredo Santos, rodeado de amigos admiradores, se súmia para sempre na maternal imensidade da terra, entrava ella no infinito desconhecido da eternidade, procurando a l v e z acompanhar alem da morte, aquelle que fóra para ella neste mundo o seu grande affecto, o seu imenso amor.

Que descanse em paz essa mulher simplici, heroica, essa alma enobrecida pela dôr, pelo affecto e pelo sacrificio.

Dizia-me ha dias um amigo: — Já notaste que ha mais companhias que teatros, apesar de todas as dificuldades dos elencos e de todas as exigencias descabela das dos artistas, dos comicos, dos figurantes e de toda essa gente que o teatro alimenta? Pois agora até a poetisa Ogando se propõe arranjar uma companhia! E ella declarou no «Seculo», que tudo estava pronto e só lhe falta uma coisa — o dinheiro. Parece-me que a uma emprezaria daquela genieza não faltaria comendatarios. Que dizes?

— Ora, essa! Concordo contigo... E posso afirmar-te que se o dinheiro aparecer, ella é muito capaz de o gastar e de nos dar, senão um drama, pelo menos uma comedia com prologo... E ha-de ser em verso, que é para ter mais graça.

Vae para o Gymnasio, diz-se, a distinta artista Lida Stchini. Precise, porém, antes de se regularisar assuntos que estão entregues ás autoridades, tora outros que estão em vespas de ir lá parar. Um deles é a entrega de 24 contos a dois artistas, a sr.ª Dinah Stchini e o sr. Mario Santos, a quem ella rescindiu, sem motivo legal, o contracto com elles celebrado.

Foi a inspecção geral dos teatros que lhe ordenou esse pagamento. Tudo se ha-de arranjar.

Os senhores sabem quanto ganha o nosso contreraneo e distinto artista Nascimento Fernandes? Não são capazes de adivinhar... Quinhentos escudos por noite, como ganha a sr.ª Hortense Luz?

— Não isso... isso... só ella. — Nascimento ganha apenas trezentos, ou sejam 9.000 por cada mez. E' melhor que ser ministro honrado.

No verão formou-se para explorar o Politama a companhia que lá está agora. O Mecenaz que se arranjou para fazer fructificar a arte, abrindo a bolsa, foi um industrial de padaria. Damos-lhe este nome porque se lhe chamássemos padeiro arriscávamo-nos a ofender este generoso protector da arte.

Os padeiros e os sapateiros morreram, foram sepultados pelos industriais de sapataria e de padaria.

Le monde marche, como dizia o originalissimo Paletan. O indus-

DE "O DISTRICTO DE FARO"

De 16 de outubro de 1884

No domingo, de manhã, celebrou-se na capela do seminario episcopal de Faro, com a gravidade e aparato que taes cerimoniaes exigem, a festa de abertura do mesmo seminario e a distribuição de diplomas aos alunos que, pelo seu comportamento exemplar, no ultimo anno lectivo demonstraram ter direito a essa honrosa distincção.

Os seminaristas graçados foram os seguintes: 1.º premio—Apollinario José de Lima Leiria e José Martins Palmeiro. 2.º premio—José Antonio Monteiro, Davi José Pinto Ribeiro Netto, José Antonio Gingeira, Ca los Cristóvão Gonçez Pereira, Bernardo Luiz e José Marques Duarte Carneiro.

Vão passar as férias na companhia de sua família, o sr. bacharel José de Ascensão Guimarães, filho do nosso dilecto amigo sr. bacharel José Francisco Guimaães e talentoso aluno da escola polytechnica de Lisboa.

Ao contrario do que noticiaem os nossos colegas de Lisboa, a confirmacão do novo bapto do Algarve ainda não é um facto consumado pois que o consistorio em que ella devia ficar resolvido não punde ter lugar no mez passado, em consequencia da invasão da colera, e teve de ser adiado para os ultimos dias do corrente mez de outubro.

Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar varios artigos e noticias.

trial acostumado a lidar com massas supôs e foi-lhe confirmado que todas as que possuem ao serviço da arte, crescerem como as das maceiras em que manipula o pão. Mas o calculo saib-he errado. Um belo dia chegou-se aos seus socios da padaria, da arte, e disse-lhes com a franqueza rude que o sacrificio impunha:

—Vossas senhorias são as mais amaveis pessoas que tenho conhecido, mas eu é que me entendo muito bem com as massas do pão e não percebo nada das massas artisticas. De toda esta barafunda só sinto que o meu dinheiro vae á vela. Mett-me num mau negocio e não quero continuar. Ofereço 20 contos para retomar a liberdade de ser apenas padeiro e deixar as honras de ser emprezario! Está certo?

—Não está. Isso não pode ser. O sr. é apenas um homem feito de coragem. Isto dá muito. O que nós não tivemos foi sorte com a peça. Não pôde sair, tem de nos acompanhar na má ou na boa fortuna. Vem ahí outra peça que dá dinheiro.

—Pois será para os senhores. Eu renuncio a todos esses ganhos. —Não pode fazer isso. Tem de ficar. E o homem ficou. Mas, veio o Domador de sogras, que domou as sogras, e domou a sorte de tal forma que o dinheiro tem entrado a ródos. O industrial está radiante. Mas os socios já o procuraram para lhe dizer: —O sr. tem de sair, não nos serve cá para nada.

—Isco não pode ser. Eu estou cheio de coragem e como fui eu quem meteu as massas ao forno, tenho de ser eu tambem quem as ha-de tifar. Vamos a ver em que ficam.

D. Pena Grande

MUNDANISMO

Aniversarios
FAZEM ANOS:
Em 29—D. Susana Vilaça da Silva, José Rodrigues Marques.
—Em 31—D. Maria Alexandrina Figueiredo e Melo, Rui de Vilar Cúmano.
—Em 1 de novembro—Ferreira da Silva, Augusto Jaime Barroso da Veiga.
—Em 3—Alvaro José de Ataíde.

Partidas e chegadas
Com sua esposa e filhos retirou para Lisboa o sr. Henrique Mathews Gansado.
Foi a Lisboa o sr. Pedro Machado, gerente da casa bancaria Manuel Dias Sancho.
Esteve em Lisboa o sr. Luis Lopes Mathews.

Encontra-se nesta cidade o sr. Francisco Sancho Uva.
Esteve em Faro o sr. major Americo dos Santos Mathews, de Lisboa.

Com sua esposa regressou do estrangeiro o sr. J. A. Judice Filho.
Esteve em Faro o sr. João Corte Real Triguoso, de Lagos.

Fixou residencia em Faro com sua familia o sr. dr. Lima Elias, de Silves.
Regressou do Tramagal com sua esposa o sr. Jeronimo de Bivar.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Guomara Paiva de Andrade, da Praia da Rocha.
Estiveram em Faro o sr. Frederico Ramos Mendes e sua irmã sr.ª D. Maria Ramos Mendes Pinto, de Portimão.

Está em Faro o antigo official do exercito sr. Julio da Costa Pinto, inspector da Vacuum Oil Company.
Esteve em Faro, de passagem, o sr. Francisco Antonio Mauricio, de Portimão.

Vimos nesta cidade o sr. José Figueiredo Mascarenhas Trindade, de Lagos.
Encontra-se em Portimão, onde fixou residencia, a sr.ª D. Ermelinda Zulmira Paiva de Andrade, viuva do malogrado Augusto Paiva de Andrade tesoureiro da Fazenda publica em Portalegre.

Retirou da Praia da Rocha para Mouchique o sr. Henrique Vaz Mascarenhas.
Partiram para Odemira onde foram proceder a uma caçada, os sr.ªs João de Sousa Uva, José Alexandre da Fonseca, José Avelar Barbosa e José Alexandre Eusebio da Fonseca.

Na quarta feira partiu para Buenos Ayres o sr. Feliciano Antonio de Brito Viegas, de Estoi.

O rapido do Algarve

Por autorisadas informações prestadas ao illustre chefe do districto, sr. major Alexandre Paiva de Faria Leite Brandão, podemos informar os nossos leitores que a C. P. foi obrigada, por motivos de ordem tecnica e administrativa, a interromper o serviço diario dos rapidos do Algarve, mas logo que seja possível, e a C. P. espera que não demorará muito, esse serviço sera restabelecido.

Cine-Theatro

Hoje no Cine-Theatro ha dois filmes de sensação — «Recurta na rotaguarda» e «Amor sem ramo», em 15 partes. E' contar com uma encheite á cubna. Quem se não munir de bilhete durante o dia não arranjará lugar.

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
Inauguração da Estação de INVERNO
HOJE Exposição geral em todas as montas e vestibulos das NOVIDADES da
PRESENTES ESTAÇÃO

ULTIMO BOTE

Trépica ao artigo do sr. Ludovico de Menezes, publicado no n.º 609 do "Correio do Sul"

O sr. Ludovico de Menezes que tinha prometido fechar a discussão sobre o Fidalgo de Penella e o latim barbaresco volta à carga, mas desta vez sem luvras brancas. Até á data nunca precisei das suas detestáveis fitações de linguística sudra, e devolve-lhas por completo para applicá-las como purgativo, a titulo de experiencia veterinária, nos seus irracionais dentes.

A minha ultima carta serena, correctiva, e delicada, sua Ex.^a responde com larachas de bacalhoeiro. Isso não me surpreende, pois que sua Ex.^a, quando não tem argumentos nem autoridades científicas em que se firme, dá largas aos delírios da sua fantasia já decrépita, ou ás inconveniências próprias do seu impulsivo temperamento de mestiço.

E para prová-lo basta citar um exemplo recente. No Seculo de 19 do corrente o sr. R. de Sá Nogueira, illustre colaborador da secção filologica do mesmo jornal, responde a uma polémica com o sr. Menezes da seguinte forma: «Algumas vezes já declarei ao publico que a polémica me desagradava profundamente, devido ao caminho que ella geralmente segue, isto é, o caminho das inconveniências: raros são os que caíam luvras ao entrar na lha.»

Discutir com argumentos em demanda da verdade scientifica é uma honra, ainda que se fique vencido na retrega. Agora fugiu aos argumentos e em substituição uzou de trocadilhos de palavras e de historicetas, com apparencias de que tudo resolve e processo que avilta quem d'ele se serve e achou calha a pessoa contra quem ele é empregado.

Com isto ponto final na discussão com o sr. Ludovico Menezes visto que, com taes processos, recuso-me a discutir seja com quem for.

Agora nós. Eu não sei se o sr. Sá Nogueira, também se dá por vezes ao estudo da psicologia experimental. Se se der descobrirá facilmente, através do verniz choteatado de cultura occidental que reveste o sr. Menezes, as taras atávicas próprias da sua estirpe oriental.

Sua Ex.^a, quando o beliscam na sua incomensurável vaidade literária, ou na sua basófia de filologo amanuês, revela logo os primores da sua esmerada educação e o feitiço do seu character obliquo, que lhe valerem alguns dis-sabores durante a sua estada no Algarve.

Isto tudo, é claro, ainda agravado com a rabujice própria da idade.

Não se admire pois o sr. Nogueira da arremetida do sr. Menezes. E é, como genuino representante da sua casta indiana, ainda que queira, não pode esquivar-se ao fatalismo que a caracteriza.

Dejalo Hembrel!

Por isso eu já estava precavido contra o golpe de peto, ao qual correspondo com outro firme e directo ao baço para pô-lo fora do eringo. Assim o quiz assim o tenho.

Faro, 21 de Outubro de 1928
C. Pereira dos Santos

Post Scriptum — Com a lealdade de sempre, e para evitar mal-entendidos da parte do publico, a quem devemos muita consideração, cumpre-nos declarar que o artigo acima é apenas uma correnda á prosapia literaria do sr. Menezes, nada tendo que ver com a sua pessoa moral, civil ou social.

O autor

Deante da força...

Em geral o microbio da egra lha já nos não impressiona... porque entrou na nossa sensibilidade e esta adaptou-se ao veneno. Mas quando em vez da egrinha surge um agrahão, não resistimos... Nós tivemos escrito Lupin com todas as letras e o amigo tipografo entendeu que era Lopin. O pior foi que de acordo com o tipografo esteve tambem o amigo revisor e quando dois tão grandes pes e de amizade como estes se unem e cahem sobre nós, nenhum escritor, jornalista ou simples escrevinhador lhe resiste...

E' aguar que é serviço... Seja tudo em desconto dos nossos pecados...

A Misericórdia de Albufeira

Foi um coração cheio de bondade, uma alma generosa, um peito de mãe suavissima que gerou, creou e educou, o fruto da sua robre generosidade, dando amparo a tanto desgraçado que, a braços com a miséria, via fugir a saude, o conforto, sem alma amiga que o socorresse.

Essa mãe de bondade que num amplo quiz abraçar toda a dor, que cobriu com o seu manto de caridade tanto desvalido, esse peito cheio de bálsamo para a miséria foi, na noite do passado, D. Leonor.

As misericórdias são centelhas da sua benemérita alma, do seu belo coração. Oferendas á máguia e á desgraça, mitigando o sofrimento, dando amparo a tanto infeliz, esse coração santo, esse sacro de piedade, fez desaparecer muita lagrima e muita desventura.

Esse coração dulcissimo, cheio dessa beleza de espirito, dessa essência divina que só aos santos pertence, deu a todos, através dos tempos, o exemplo mais frisante e mais sublime que nos foi dado receber.

Essa recordação longínqua do passado tende a desaparecer; assim o diz o brado angustioso da pequena local do «Diário de Noticias» de 11 do corrente.

Contudo, essa pérola de caridade, esse unico estabelecimento de beneficencia herdado do passado, sócio rido por gerações já mortas, não pode e não deve encerrar as suas portas.

A misericórdia é, neste momento e em todos, o unico refugio na invalides e na doença.

Encerrar essas portas, que almas generosas, dando os seus bens e daram contribuições com o necessário para que nunca faltasse o socorro ao desgraçado, é como desfazer da sua memoria. E' negar a existencias de piedade e dó pelos miserios que lutando na vida a sós com a sua própria exsistencia nada mais teem que uma cama do hospital e a cova lugubre e fria da rasa sepultura.

E das regiões do impossivel que num aglomerado de tanta gente, vivendo desafogada não haja um coração generoso que levante o brado de misericórdia.

Será melhor que a frio a morte traçoira ceife ao abandono os infelizes que nada mais teem que os olhos para chorar?

H. B. Leote

Terrivel pergunta; mãos esfardadas implorando auxilio á caridade publica, aos baldões sem o conchego duma cama, arriatadas pelas esquinas vendendo a sua carne para minorar a sua miséria... quando tétrico.

Mes lembrai-vos que somos todos remehentes.

abandonar os desgaçados á sorte e á aventura é darmos a prova da nossa crise de coração e de character.

Até quebra a alegria ver o desamparo a que o homem vota o seu semelhante.

Onde existe essa piedade evangélica que era bálsamo na miséria e na doença? Onde?

Tudo é vão.

A vaidade, o luxo e a ostentação fazem esquecer a miséria alheia.

Vaidade, tudo vaidade! dizia Ecclesiastes.

E não haverá entre tanta pobreza de espirito mais caridade e mais coração?

Não restam ao fim do dia migalhas que deem para mitigar a fome aos pobres que a braços com a desgraça vivem sem recursos?

Já não existe comiseração pelo desvalido que na luta pela existencia perdeu tudo; a alegria, a saude (a sua maior fortuna que é o amparo dos seus)?

Pois bem! O momento mais eloquente que fala a linguagem palpitante das grandes occasões: «ch'gu: Provai o agora albuterens.» contribuindo todos com o seu obo voluntario.

Os humildes e os simples estão nas mãos da adversidade; afastar a angustia do dia de amanhã será a maior consolação de centenas de pobrezinhos, e a maior prova de altruismo.

E' não deixar desaparecer o maior recurso dos que vivem no mundo confiados na caridade dos homens a misericórdia.

Eles os infelizes ficam esperando a vossa demonstração de piedade e esperanças que ainda existe uma restia de razão a brilhar no meio de tanta indiferença.

Eles os sem-recursos ficam gulosos e alegres porque: quem aos pobres dá empresta a Deus. Amal-vos uns aos outros como irmãos, disse Jesus, e amal ao proximo como a vós mesmos. Só isto fala á consciencia.

Arrematação

1.ª publicação

No dia 18 de Novembro próximo, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de execução que Maria Antonia e marido Francisco Guerreiro Coixo, movem contra os executados José Antonio Caetano e mulher Barbara da Luz, se hão-de pôr em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima da avaliação, os seguintes predios pertencentes aos executados:

Uma courela de terra e arvores, denominada "Barros", no sitio da Goldra de Baixo, freguezia de Santa Barbara, confrontando do nascente com o caminho, norte com Manuel Joaquim, poente com Francisco Coixo e sul com Manuel Ignacio, avaliada em Esc. 2.390\$00.

Uma courela de terra de seimar e arvores, denominada "Terra da Paula", no mesmo sitio, confrontando do nascente com José Alexandre, norte com caminho, poente com João Bentes e do sul com Cristovam José Madeira, avaliada em 4.410\$00.

Uma propriedade denominada "Barrinho", no sitio da Charneca, da mesma freguezia, confrontando do nascente com José Joaquim Borrhallo, poente com herdeiros de Manuel Mendes Pinto, norte com o caminho e sul com Manuel José Espanica, avaliada em Esc. 2.910\$00.

Uma propriedade denominada "Cruz", no mesmo sitio e freguezia, confrontando do nascente com João Bento, poente com a estrada, norte com Manuel da Luz e sul com Antonio Ignacio, avaliada em Esc. 2.500\$00.

São por este citados quaesquer credores incertos para assistirem, querendo, á arrematação.

O Escrivão
Bernardo José Ferreira
Verifiquei.
O Juiz de Direito
Francisco Carlos Soares

Direcção das Obras Publicas do Districto de Faro

ANUNCIO

Faz-se publico que no dia 26 de novembro de 1928, pelas 14 horas, na administração do concelho de Lagos, se procederá ao concurso publico para a arrematação de uma empreitada de fornecimento de 1.800 metros cúbicos de pedra britada de 0 05, de schisto rijo, posta nas bermas da E. N. n.º 20 A., entre os quilómetros 1 e 13. Base de licitação. . . 39.600\$00.

Para ser admitido ao concurso é necessario apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, ou suas Delegações, o depósito provisorio de 990\$00, mediante guia passada na Direcção das Obras Publicas do Districto de Faro, todos os dias uteis, das 11 ás 17, até á véspera do concurso.

O depósito definitivo será de 5% de preço da adjudicação. O processo do concurso está patente todos os dias uteis das 11 ás 17 na secretaria da Direcção em Faro e na administração do concelho de Lagos.

Faro, 24 de outubro de 1928

O Engenheiro director
Francisco Xavier Centeio

Azeites Nacionaes

Garantidos, puros de oliveira por analises officias

Fabricação esmerada em suas fabricas de moderna instalação, com os mais perfectos maquinismos em EXTREMOZ

Americo da Cruz, L.^{da}

Tipos especiais para conserves

Tipos especiais para consumo

Marca A V N.º 1 (Branco) acidez maxima 0, 3
Marca A V N.º 2 (Natural) acidez maxima 0, 6
Marca A V N.º 3 (Natural) acidez maxima 0, 9

Filtrados acidez de 1,5 a 5 graus

Pedidos aos representantes em Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo Antonio, Albufeira e Portimão:

Graça & Martins, L.^{da}

Rua Vasco da Gama, 81 — FARO

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres



COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal: ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 53 — FARO

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES!
MOSTRUÁRIO INDUSTRIAL PORTUGUES 1914, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crônicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado.
Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brasil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Pesca de bacalhau

Vindo dos bancos da Terra Nova entrou ontem no nosso porto o lugre *Senhora do Carmo*, com um carregamento de 1.800 quintaes de bacalhau.

Porto de Faro-Olhão

O engenheiro sr. Duarte Abcasis foi nomeado director das obras da Junta autonoma do porto comum de Faro-Olhão.

Neerologia

No hospital de S. José, em Lisboa, onde tinha ido sujeitar-se a uma operação, faleceu na quinta feira o sr. José Silverio Capela Almodyar, chefe da repartição de finanças deste districto. O finado era natural do Tavira e contava 49 anos de idade.

A morte do sr. Almodyar, que alem de ser uma pessoa de educação e de trato afavel era um funcionario muito distincto e zeloso cumpridor dos deveres do seu espinhoso cargo, causou profundo pesar entre a classe a que pertencia.

PIANO

Vende-se um em bom estado e de boa marca e com bom som, por preço medico.

Facilita-se o pagamento. Informa-se no armazem do Laginha (ho l do do cemiterio) estrada do Alportel - Faro.

"O Algarve"

Vende-se em Olhão, na succursal da Livraria de A. S. Capela, rua do Comercio, 88, agencia de todos os jornais, excepto do «Diario de Noticias».

Annuciae neste jornal

KEATING
OREIDOS INSECTICIDAS
TUDO MORRE!!!
FORMIGAS
BARATAS
PERCEVEJOS
PULGAS
TRAÇAS
ETODOS OS OUTROS
INSECTOS

HIATE

De 75/80 T. com motor de 40/60 H. P. pronto a navegar, em estado de novo, VENDE-SE. Trata-se na rua de Santo Antonio n.º 18 — FARO.

Casa

Vende-se uma em ruinas, na rua do Balseão n.º 11. Aceitam-se propostas na rua do Compromisso 31, desta cidade.

Pensão recomendada

Recebem-se meninas estudantes internas, semi-internas e externas. Curso completo dos licens e curso primario. Francês e inglês por professoras da nacionalidade. Pedir informações e preços a «La Maison», largo do Sol, 9

PODE CRER!
Nesta tipografia executam-se todos os trabalhos de encadernação por um tecnico de reconhecida competência, que tem adquirido grandes conhecimentos em oficinas congéneres da capital e do estrangeiro.

Quereis dinheiro Jogai no
Lama
Rua do Amparo, 51 LISBOA
PREÇOS — Bilhetes 170\$00
Meios 85\$00. Quartos 42\$50.
Vigessimos 8\$50. Cautelas 2\$50.
Pelo correio mais \$80 para registro.
Atende todos os pedidos da provincia.
Sempre sortes grandes

Corticça

Empilhada na horta do Anjo em Messejana, vende-se.